

## VII Cinform

# NAS TRAMAS DO LABIRINTO: PRÁTICAS INFORMACIONAIS E REDE NOTICIOSA DE TV

**DELFIN AFONSO JR.\***  
(daj@fafich.ufmg.br)

No contexto de novas configurações na produção da informação, este trabalho enfoca o telejornalismo e os profissionais que atuam nos setores de documentação (Cedocs) das emissoras de TV. Através da teoria ator-rede, com pesquisa de cunho etnográfico na TV Globo e na TV Minas, destacam-se a inserção, a atuação e a intervenção dos bibliotecários na realização de telejornais e na construção da rede noticiosa. Nos bastidores dos Cedocs de emissoras de televisão, os jornalistas, os bibliotecários, as tecnologias, as linguagens documentárias e os executivos de TV se mesclam, em trabalho cooperativo, em meio a deslocamentos, lugares e posicionamentos distintos, instáveis e contraditórios. Com base na abordagem delineada, busca-se um outro ponto de vista para conhecer e interpretar as rotinas produtivas, as relações e as práticas informacionais nos Cedocs, uma espécie de centro de cálculo para a produção, a organização e a pesquisa da informação em documentos verbais, sonoros e audiovisuais.

**Palavras-chave:** Telejornalismo – Bibliotecários e jornalistas – Rede noticiosa - Documentação em TV

---

\* Mestre em Comunicação (UnB), Doutorando em Ciência da Informação (ECI/UFMG),  
Professor dos cursos de Comunicação e de Biblioteconomia/UFMG

Roland Barthes

## **INTRODUÇÃO**

A partir de demandas sociais crescentes, públicos diferenciados e mais atuantes, tecnologias digitais móveis e recentes práticas informacionais, identificam-se hoje novas configurações na produção da informação com renovados desafios para o campo da ciência da informação. Essas alterações se refletem no perfil mutante das equipes que lidam com informação, com o atual destaque para os saberes profissionais em transformação e as práticas informacionais enquanto práticas sociais. A ciência da informação pode contribuir, no conjunto das ciências sociais, para abordar a informação na TV segundo a noção de rede (Latour 1995, Frohmann 1995), através da qual se procura verificar e compreender as posições dos atores assumidas nas efetivas dinâmicas de produção e as associações que se estabelecem entre eles. Este trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla, realizada no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG, como resultado de incursões na trama labiríntica dos setores de documentação em emissoras de TV. Indaga-se, nesta etapa da pesquisa, como se processa a produção e a organização da informação jornalística na televisão, que saberes, agenciamentos e partilhas se dão em torno das rotinas produtivas.

## **PRÁTICAS INFORMACIONAIS E TEORIA ATOR-REDE**

Na abordagem da teoria ator-rede (Frohmann 1995, Latour 1995, González de Gómez 2002, Pereira 2000, Oddone *et al.* 2000, Amorim Jr., 2000), pode-se apreender e compreender o telejornalismo como um processo realizado a muitas mãos, máquinas e inteligências, saberes e afazeres que cooperam para produzir e organizar a informação e os documentos em emissoras de TV. Desenvolvida no âmbito dos estudos sociais da ciência e da tecnologia, compreende-se a noção de rede como um plano de conexões heterogêneas e múltiplas entradas, uma lógica de conexões definida por seus agenciamentos internos, uma totalidade aberta, não uma entidade fixa. As redes são, para Latour, como as ciências, formas instáveis sob o risco de diferenciações, marcadas por múltiplas direções e não se podem antecipar suas configurações. Nenhuma

atividade coletiva pode sair da rede de sua prática. Movimentos, alianças, fluxos e circulações estão no foco da teoria ator-rede, seja no mundo da ciência, da política ou da informação.

A noção central da teoria – rede de atores – é entendida como sendo composta por séries heterogêneas de elementos animados e inanimados, conectados e agenciados. Seus componentes não mantêm vínculos previsíveis entre elementos estáveis e nitidamente definidos. Não se trata de atores predeterminados em ações e relações cristalizadas, ou que se pode antecipar com razoável clareza, segundo a lógica de um sistema totalizador e fechado que os antecede. Humanos e não humanos, profissionais e tecnologias, enquanto híbridos sóciotécnicos na trama das redes, podem se deslocar e transformar suas identidades e relações. Incorporam novos elementos e estendem a rede de que participam, estabelecem alianças com novos elementos, o que torna a rede mais longa e diversificada e, simultaneamente, apresenta-a como totalidade aberta que agencia a transformação e a redefinição de seus componentes.

A indagação sobre a informação nos meios de comunicação ganha uma contribuição estimulante através de Frohmann e sua concepção do que seja um regime de informação. Na formulação desse autor, regime de informação refere-se a uma rede, mais ou menos estável, na qual a informação flui por meio de determinados canais, gerada por específicos produtores, através de estruturas organizacionais específicas visando determinados usuários. Segundo o autor, “rádio e TV, distribuidores de filmes, publicações acadêmicas, bibliotecas, fluxos de dados, a emergente superestrada da informação, todos são nós de redes de informação ou elementos de um específico regime de informação” (Frohmann:1995). Como assinala o autor, na genealogia de um regime de informação, reconhecem-se os arranjos que são feitos e refeitos todos os dias nas práticas complexas e nas interações sociais.

As atividades do telejornalismo são parte de um empreendimento que transforma acontecimentos, pessoas e lugares do mundo, sob a forma de gravações eletrônicas, em imagens e sons. Essas inscrições audiovisuais, que materializam entidades em um arquivo, vêm a ser moldadas em processos de edição final, com informações jornalísticas. Na perspectiva da teoria ator-rede em ciência da informação, esse processo corresponde ao movimento que transporta e transforma coisas e situações

capturadas em seu contexto de ocorrência. Por exemplo, um ecologista em uma reserva florestal aponta, e guia a câmera e o microfone da reportagem, para os pássaros, a mata e os córregos do ambiente. Com isso, muda a condição dos elementos do contexto original em imagens e sons decompostos em sinais eletrônicos, gravados em fitas ou discos óticos, o que vai permitir sua visualização e recomposição para leitura em aparelho reproduzidor de áudio e imagens, com monitor de vídeo e caixas de som.

Nos meandros da produção da informação midiática, quando às seis horas da manhã, a pesquisadora do Cedoc Globo Minas abre o setor e inicia sua jornada de trabalho, no Cedoc carioca as atividades tiveram início cerca de trinta minutos antes, com seus pesquisadores e editores de imagem preparando o telejornal em rede Bom Dia Brasil e as solicitações programadas de véspera para os outros telejornais. O material remanescente, já pesquisado, recuperado e preparado pelos editores de imagem do Cedoc ao longo do dia anterior, é levado, então, tanto na emissora mineira quanto na carioca, pelos editores de texto e outros editores de imagem, estes profissionais do vizinho setor de Jornalismo, para compor as reportagens e matérias jornalísticas que serão vistas pelos telespectadores. E aqui, literalmente, o ecologista ele mesmo e as impressões e estímulos da natureza, entre os quais ele se localizava quando da gravação da reportagem, estão acondicionados e reduzidos em fitas de vídeo, e só estão nessa condição por terem sido anteriormente descritos, indexados, armazenados e recuperados no Arquivo de Imagem da emissora de TV.

Ao longo da manhã, outros integrantes do Cedoc nas duas pontas da rede, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, ampliam a equipe e sua diversidade de tarefas e atendimento de demandas. Reportagens especiais, pedidos de emissoras do interior, demandas regulares dos telejornais locais encadeiam-se no ritmo agitado de um conjunto de profissionais divididos em salas, equipamentos, cidades e emissoras diferentes. Vários telejornais depois, com mudança de turnos de trabalho entre profissionais, no período da tarde marcado por ritmos e movimentos contrastados no interior dos Cedocs, enquanto a chefe do Arquivo de Imagem na TV Globo carioca agiliza e distribui as novas solicitações que lhe chegam sem cessar por *e-mail*, no pique do turno que antecede à transmissão dos telejornais líderes de audiência RJTV 2<sup>a</sup>. edição e Jornal Nacional, a bibliotecária do Cedoc da TV Globo mineira, já com o

material de arquivo preparado para o telejornal MGTV 2<sup>a</sup>. edição, faz a indexação de reportagens de futebol, mas a bibliotecária indexadora deve parar essa tarefa e atender no balcão ao pedido de um usuário da biblioteca do setor.

No mesmo momento, no outro lado da cidade de Belo Horizonte, a quilômetros dali, a bibliotecária do Cedoc da Rede Minas finaliza a indexação de uma reportagem sobre ciência e ecologia para assistir ao Jornal Minas 2<sup>a</sup>. edição das 19:30 horas, preparando-se assim previamente para a sinopse que fará no dia seguinte dessa edição do telejornal. Em várias fitas para reprodução e leitura, pelo aparelho de vídeo, as cenas do ecologista no contexto da natureza, que estão reduzidas em sinais sonoros e visuais, são agora transformadas em palavras de uma sinopse que descreve o que é visualizado e ouvido. Essa sinopse é digitada no terminal da bibliotecária através do sistema do setor de documentação, para que ela o traduza em termos da linguagem documentária do vocabulário controlado do Cedoc. Enquanto isso, no Rio de Janeiro uma pesquisadora de imagem, já em sua residência, liga o televisor para assistir ao telejornal das 19 horas Trabalha para uma outra rede de TV, mas com a mesma afinação e interesse da bibliotecária mineira pelas imagens e pelos textos do que está sendo noticiado. Uma, bibliotecária em Belo Horizonte e uma jornalista no Rio, ambas buscam o que venha a interessar em suas futuras tarefas de descrição das imagens e falas (as denominadas sinopses) para as respectivas empresas de TV em que trabalham. Aqui se identifica, na perspectiva da ciência da informação, como os profissionais dos Cedocs, separados por territórios, empresas, tarefas e saberes, operam como nós de rede do amplo regime de informação noticiosa que perpassa e interliga empresas diferentes, diversas cidades, vários meios de comunicação e tecnologias de processar a informação jornalística.

Para compreender a informação no telejornalismo, trata-se de tomá-la como um produto, inscrito em uma rede específica, marcado pelo ritmo industrial e pela pauta temática estabelecida pelas mídias, produto elaborado pelo compartilhamento de valores e saberes, pelo gosto e sensorialidade, pelas técnicas e equipamentos, pelas habilidades de indivíduos e grupos profissionais diferenciados e seus telespectadores. Cabe pensar que a informação veiculada pelos telejornais é gerada e gerida no contexto de práticas complexas que se referem aos conhecimentos, procedimentos e técnicas executadas por profissionais habilitados para esse exercício prático da informação. Nas

palavras de Alsina, a transmissão do saber cotidiano sobre os acontecimentos e a tradução do saber de especialistas de diferentes áreas do conhecimento são traços que caracterizam o jornalismo e seu principal papel social (Alsina: 1993, p. 180). É desse modo que acontecimentos evanescentes se convertem em documentos, o que vai possibilitar, segundo o autor, o seu consumo repetitivo (Alsina: 1993, p. 91). Certos valores e princípios norteadores marcam, na rede de transformações em processo num Cedoc, a conversão dos acontecimentos em documentos, tais como o senso do que tem valor como notícia, a percepção do telespectador como destinatário final da informação, o papel da palavra na descrição, pesquisa e recuperação, o descarte de imagens sem qualidade técnica, o não lugar para a falha, a recuperação equívoca e a impossibilidade de recuperar a informação.

### **SITUAÇÕES LOCAIS, ROTINAS E PARTILHAS NA REDE NOTICIOSA**

Para apreender a trama do labirinto diário que se mostra complexo, fragmentado e caótico ao olhar desatento e dispersivo, as situações cotidianas de bibliotecários e jornalistas acima apresentadas são características de suas rotinas produtivas. A cada jornalista ou bibliotecário em um Cedoc de emissora de TV se apresentam muitas ocasiões, em uma jornada de trabalho, para exercer suas habilidades quando devem encontrar respostas a um pedido, ora formulado de modo muito preciso, como o da imagem de determinado jogador comemorando o gol com a camisa cobrindo o rosto, ora de modo vago ou mal formulado, como nos pedidos de som do vento batendo no campo ou no de imagens uma noite perfumada. Em qualquer dos casos, a recuperação das diferentes informações de imagem e de áudio é realizada com a mesma exigência de precisão, rapidez e conhecimento do arquivo.

Para detalhar essa perspectiva vale destacar a constituição e operação da rede noticiosa como aspecto central da produção de informações jornalísticas. Pressionados pelo fator tempo, pela imprevisibilidade e a ocorrência de acontecimentos em qualquer lugar e a qualquer momento, “as empresas jornalísticas tentam impor uma ordem no espaço estendendo uma rede noticiosa” (Traquina: 2005, p. 181). Na concepção de rede noticiosa, entendem-se “as notícias como resultado de processos complexos de interação social” em que são previstos os fluxos de trabalho e a distribuição dos

jornalistas na rede, e dos profissionais não-jornalistas e dos recursos tecnológicos que se envolvem com a produção da informação jornalística -, pois as notícias ocorrem no interior de um “processo de produção definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto” (Traquina: 2005, p. 173 e 180).

A partir dos anos 1970 passam a surgir iniciativas na televisão brasileira para a implantação de setores voltados à memória das emissoras, preservação de programas e suporte à produção. Distante da antiga visão do arquivo de recortes dos jornais impressos, a presença e expansão dos Cedocs repercutem nas bases de funcionamento da própria produção da informação e não apenas na sua organização, preservação e recuperação. A concepção da informação jornalística, enquanto construção coletiva, enfatiza os procedimentos jornalísticos de selecionar, excluir e acentuar aspectos do acontecimento a ser noticiado (Traquina: 2005, p. 174). Como vimos, para ser notícia, o acontecimento é transposto e se transforma em fitas de vídeo ou discos óticos para leitura por aparelhos, que agora se impõem à presença humana, pois os equipamentos e suportes cooperam e trocam entre si dados que independem da leitura e entendimento do operador humano da máquina. Os sinais gravados na fita ou no disco ótico transitam do suporte às cabeças de leitura e destas às placas de memória dos equipamentos. Para dali serem transpostos em outros discos óticos ou fitas, que vão para estantes de armazenagem, que assim se tornam uma espécie de almoxarifado de informações e documentos em estado latente à espera de ser acionado pelo sistema de recuperação.

A informação telejornalística apresenta novos tipos de problemas que estão em fase de estudos, embora haja um acúmulo de experiências, ferramentas de indexação e debates sobre o tema. Constatase uma intervenção do profissional da informação diante do documento audiovisual, seja através de suas referências sociais e pessoais, seja através da percepção de que um documento audiovisual, ou parte dele, pode ser percebido em função de contextos diferentes ou segundo a organização que lhe é peculiar (González e Arillo: 2003, p. 51-52). Acrescente-se que em suas tarefas o profissional conta com a informática que opera e processa, através dos recursos técnicos, a informação visual. A partir da descrição das imagens por meio da digitação de palavras, o profissional e o computador descontextualizam as cenas e personagens

do contexto em que foram inicialmente gravados com câmera e microfone para que possam ser reutilizadas em novas reportagens. E, na recuperação, o sistema recontextualiza, através do terminal de computador, por associação/contraposição a outras referências, aquilo que o motor de busca recupera e dispõe no momento da pesquisa, é o elemento não humano que age na configuração de redes de relações entre indivíduos, grupos profissionais, tecnologias, ferramentas documentárias e empresas.

É parte da tradição da imprensa nomear aos jornalistas e bibliotecários envolvidos com o tratamento das reportagens como arquivistas. Atualmente, a edição digital retirou do jornalista o protagonismo do processo de produção da informação jornalística, “uma vez que intervém tanto o arquivista” – leia-se aquele que lida com a organização da informação – “quanto o usuário do sistema” (Machado: 2005). E, nesse sentido, os denominados arquivos ou Cedocs podem ser então entendidos, na perspectiva da teoria ator-rede, como pontos de passagem obrigatória e pontos de convergência, sem os quais não se dá a produção da informação diária em telejornalismo.

Nas rotinas de um Cedoc, os profissionais se ordenam em lugares diferenciados, como o do bibliotecário e o do jornalista, já não mais como formações de origem em biblioteconomia e jornalismo, mas na qualidade de indexadores e de pesquisadores. No curso das práticas informacionais dá-se o confronto de percepções e de critérios de sujeitos distintos com suas habilidades e procedimentos. Criam-se formas compartilhadas de entendimento e de apropriação da informação, que visam um horizonte comum para a produção e a organização de produtos telejornalísticos. Esse trabalho de identificar, indexar e recuperar informações conta com novas tecnologias de busca, como no caso de *softwares* de recuperação por vocabulário livre e de sistemas automatizados, e a colaboração efetiva dos bibliotecários vem conferir aos jornalistas “um enorme potencial para desenvolver grandes matérias” (Gonçalves: 2005).

## **LUGARES, POSICIONAMENTOS E DESLOCAMENTOS**

As rotinas produtivas, as relações e as práticas informacionais nos Cedocs estabelecem consensos e partilhas de saberes específicos em meio a deslocamentos, lugares e posicionamentos distintos e instáveis dos atores da rede noticiosa. “O setor é uma

ferramenta do Jornalismo e uma biblioteca para os funcionários” – na apresentação de um Cedoc a estudantes, a guia de visitas da empresa traduz em uma visão simplificada a função do setor. Um Cedoc de TV pode ser visto e reconhecido como parte do setor de Jornalismo da emissora (é o caso na Rede Globo) ou do setor de Programação (é o caso na Rede Minas) embora não o seja. Os propósitos e princípios que se definem como fundamentos da organização da informação estão determinados por essa vinculação com seus usuários diretos, os jornalistas. Há mesmo a noção no cotidiano da emissora de TV de que um Cedoc é setor subsidiário e subordinado ao setor de Jornalismo. Como relata a chefia de um Cedoc, a relação entre os dois setores pode ser uma rua de duas mãos, pois o setor de documentação, através da produção da agenda de eventos e da informação para os *sites* de notícias da emissora, pode pautar o próprio setor de Jornalismo e seus telejornais.

Devido à possibilidade de posicionamentos instáveis e até contraditórios nas relações de um Cedoc com o setor de Jornalismo, não é incomum encontrar situações em que esses posicionamentos apontam para o cerne de uma rede noticiosa que congrega os mais variados atores e nós de rede em sua operação. Desse modo, a chefia de um setor de documentação circula pelos diferentes subsetores como se exercesse um poder itinerante em que orienta, distribui tarefas e projetos, decide sobre informações a serem enviadas ao Jornalismo. Noutra situação, a chefe de pesquisa de um Cedoc, que atua no pequeno espaço do ambiente em que está instalado o setor, move seus olhos, de um a outro profissional, tudo vê e mantém sob controle, aprecia e dá seu aval ao resultado da pesquisa que vai estar à noite no telejornal. Em um outro, de sua cadeira na bancada de trabalho, sem sair do seu assento, a gerente do subsetor perscruta o serviço de dois editores de imagem, avalia e comenta com um deles que não aprova aquilo que ele está editando e confirma com o outro editor o produto dele porque está na linha do que ela quer. Em mais um setor de documentação, a bibliotecária chefe vai ao balcão atender a um usuário, depois retorna à sala de sua equipe, dá instruções a dois pesquisadores e volta ao computador para continuar a indexação. É assim que, como indica a teoria ator-rede, uma cadeia de transformações é acompanhada de perto, gerenciada, comparada a padrões e discutida, num processo de misturas e de trânsitos a muitas mãos, gestos, cliques, cabeças, botões, máquinas, sensibilidades, suportes midiáticos, palavras faladas, argumentos, concepções e conceitos do bem fazer e bem informar.

Num setor de documentação complexo, podemos ter um arquivo de texto, um arquivo de imagem, um subsetor de pesquisa de imagem, um subsetor de indexação, um ou mais setores de armazenagem de imagens, uma biblioteca, uma videoteca ou subsetor de atendimento a público externo. A configuração de um Cedoc pode ser alterada no cotidiano de suas práticas quando observamos a diferenciação entre o Arquivo de Texto e o Arquivo de Imagem. Nós de rede, com atribuições bem marcadas e referenciadas a labores peculiares, no império das imagens, que caracteriza a televisão como mídia e empreendimento, ressalta a presença de um subsetor voltado à coleta, seleção, descrição, montagem, armazenamento, edição, pesquisa e recuperação de informações a partir de documentos impressos. Nesse Arquivo, identifica-se uma aparente inversão do pressuposto de que televisão é imagem e de que as imagens, captadas pelas câmeras, sejam o documento por excelência de uma rede noticiosa de TV. Pois é no Arquivo de Texto que se processa a informação coletada em diferentes fontes documentais com suporte em papel: jornais diários, revistas, livros, periódicos, folhetos e documentos de trabalho, como planos de gravação e roteiros de telenovela, elaborados nas esferas da produção jornalística, de entretenimento e dramaturgia. Essa divisão, que aparece como característica de diferenciações e lugares contrapostos e excludentes, se mostra nas rotinas produtivas um espaço inclusivo de partilhas e trocas com outros subsetores de um Cedoc e mesmo de outras esferas da televisão, como o Jornalismo e a Dramaturgia. É o Arquivo de Texto que pesquisa, organiza e dissemina a agenda anual de eventos em que se baseia o Jornalismo na emissora cabeça de rede, dispõe de livros na biblioteca para pesquisa por cenógrafos e diretores de arte e *design*, coleta e processa as informações sobre os mais variados assuntos de destaque na imprensa diária das capitais brasileiras e em revistas. Há, portanto, uma espécie de comutação de lugares em que se verifica que o Arquivo de Texto pode ter a precedência sobre as imagens ao coletar, editar e pôr em circulação informações na esfera de produção da rede noticiosa.

Outros deslocamentos e posições que se observam a partir de um Cedoc dizem respeito à divisão de trabalho entre pesquisadores e indexadores. Por definição, a indexação e a pesquisa correspondem a etapas diferentes da organização da informação. Daí que pesquisadores e indexadores trabalham, muitas vezes, mas não em todos os Cedocs, em salas e até em prédios diferentes. Essa distinção de propósitos e práticas pode, no entanto,

vir a ser contrariada e até alterada, nas ocasiões em que as tarefas especializadas se manifestam de modo contraditório por necessidades de recuperação e uso da informação de arquivo. São os casos em que se vem a testemunhar *in loco* mudanças e convergências nas tarefas até então identificadas como opostas e excludentes. Assim, a indexadora faz pesquisa, o editor de imagem faz decupagem (detalhamento visual e sonoro das cenas) e descrição de imagens (sinopse do assunto), a estagiária indexa para apoiar à indexadora atarefada, a produtora de um programa vai ao Cedoc e pesquisa, a pesquisadora faz a inserção de informações no *link* de memória do *site* da emissora, a indexadora tira dúvidas sobre a sinopse com o jornalista de esportes em outro setor fora do Cedoc.

A convergência dos afazeres e conhecimentos de bibliotecários e jornalistas pode ser entendida quando se verifica, nos setores pesquisados, que, embora pesquisa e indexação possam ser pólos que se diferenciam, as trajetórias e experiências anteriores de parte desses profissionais são determinantes de seus perfis para atuarem em um Cedoc de TV. Encontra-se a indexadora que foi responsável pelo arquivo de fotos de uma empresa jornalística e de seus jornais impressos. A jornalista pesquisadora teve uma passagem, durante dois anos, em um curso de biblioteconomia antes de se formar e atuar como jornalista. A bibliotecária que chefia um Cedoc tem experiência profissional como fotógrafa, foi responsável pela organização de arquivo de fotos na assessoria de uma grande empresa e pela organização do acervo de produções de uma renomada produtora de vídeo. Os conhecimentos intrínsecos às experiências anteriores com as mídias e o ambiente de trabalho e aprendizagem que é estruturado na forma de rede, com trocas e partilhas de saberes teóricos e técnico-operacionais, são determinantes para que o setor funcione com rapidez e excelência na organização, pesquisa e recuperação de documentos e informações verbais, visuais e audiovisuais. Pois a forma como se manifesta a rede noticiosa a partir do ambiente de um Cedoc é indireta, irregular, em ziguezague, mutável, interconectada, como indicam Frohmann e Latour, é coletiva, intuitiva e racional, administrada e improvisada, contingente e não estável, não cristalizada em conhecimentos e rotinas estabelecidas de modo restritivo. A rede noticiosa resiste a soluções técnicas e teóricas de aplicação rígida, é refratária a bloqueios e travas por sua natureza de estar vinculada, enquanto rede noticiosa, à emergência de acontecimentos não previsíveis.

## **REDE NOTICIOSA, CENTRO DE CÁLCULO E NÓS DE REDE**

Em meio ao ininterrupto, acelerado e intenso fluxo de notícias, sob complexas e diferenciadas injunções políticas, culturais e comerciais, uma diversidade de atores aplicados e ágeis lidam, em múltiplas, simultâneas e coordenadas tarefas e funções, com os arquivos de textos, sons e imagens, numa espécie de centro de cálculo para a organização, a pesquisa e a recuperação de documentos audiovisuais. Um setor de documentação é parte de um complexo de unidades de informação, de uma mesma empresa ou não, que formam e operam como nós de uma rede distribuída por diversas cidades, com acervos por acesso remoto, compartilhando informações em tempo real e de modo integral. Esses setores de documentação são ordenados e obedecem à lógica de rede, como núcleos multipolares capazes de emitir, processar, compartilhar e receber informações que vão abastecer ao telejornal que precisa, no jargão da rede noticiosa, “dar a notícia em cima da hora”.

As atividades que um Cedoc desenvolve para o telejornalismo são parte de uma espécie de centro de cálculo que transforma estados do mundo, sob a forma de gravações eletrônicas em imagens e sons, inscrições audiovisuais que são editadas em aparelhos de edição de vídeo e transmitidas pelos de telecomunicações, pelas ondas de radiodifusão, por empresas de comunicação que as disseminam junto ao público em reportagens de telejornais. Os Cedocs se tornam, como um coletivo em ação, em nós de uma extensa rede e se tornam pontos de convergência e passagem obrigatória, lugares para onde são trazidas as inscrições de diferentes pontos e locais. Através da seleção, descrição e indexação, os acontecimentos, pessoas e lugares são extraídos da reportagem e reduzidos a números, palavras, datas, nomes de locais, nomes de pessoas, atributos sociais que as qualificam como de interesse para o telejornalismo, identificação do repórter e do telejornal, detalhamento de cenas e movimentos de câmera. Eis que estão dadas as condições para que, reunida como informação junto a outras reportagens do acervo, possa ser acessada, comparada, recombinação, recuperada e ressignificada para circular em novas edições dos telejornais e atingir o grande público. São essas causas pequenas, simples e modestas que, somadas, acabam por resultar em distinções consideráveis, em ciclos de acumulação que conferem o poder de agir à distância, resultando na assimetria (ou na desproporção) entre certos lugares – os centros - e suas respectivas periferias (Oddone et al.: 2000, p. 31).

O moderno setor de documentação orienta suas atividades de acordo com direcionamentos que se configuram no projeto do sistema de recuperação da informação, um conjunto especialmente projetado de recursos humanos, técnicos e metodológicos. O sistema prevê e executa o acesso imediato à elevada quantidade de referências e documentos audiovisuais, a atualização freqüente do acervo dada a produção diária de reportagens, os inúmeros e variados pontos de acesso à informação, a necessidade de aumentar a velocidade de pesquisa e recuperação em função do tempo industrial da TV, o desenvolvimento de uma rede cooperativa integrada e articulada nos níveis local, regional e nacional, e até internacional, investimentos em tecnologias de ponta especialmente desenhadas para a emissora, o tesouro especializado e exclusivo para uso na rede cooperativa do setor. A equipe com pessoal qualificado e especialmente treinado se faz capaz de operar transformações do estado de material bruto ao estado de material editado, da condição de documento à tradução de vários dados em um banco de dados, da mutação de uma imagem nos termos do vocabulário controlado, da revocação dos termos gravados na memória do sistema à recuperação de uma determinada imagem. No setor de documentação atual, o sistema de recuperação sabe, para que o profissional do Cedoc aja como um nó da rede noticiosa ao descrever, indexar, pesquisar e recuperar informações jornalísticas em televisão.

Se a mobilização do mundo e o recenseamento universal estão em curso num Cedoc, isso é possível porque a organização da informação que ali é elaborada cumpre certas etapas e procedimentos. As cenas e entrevistas coletadas e transformadas em inscrições (gravações com câmera e microfone) são levadas até lá, um centro de cálculo constituído em forma de rede, de modo que as informações reunidas e transpostas ao centro possam ser objeto de descrição, através da detalhada sinopse de imagem por imagem, de fala por fala, e objeto de indexação das sinopses pelo vocabulário controlado do tesouro. Está feita então a arregimentação de acontecimentos, lugares e pessoas para torná-los disponíveis a uns poucos comandos de um pesquisador que recebe um pedido e ele pode, portanto, recolocar o documento audiovisual como inscrição disponível à reutilização e ressignificação. Essa arte ou ciência de recombinar, embaralhar e superpor documentos audiovisuais pelo Cedoc, com décadas de experiência no trabalho de seleção, organização e armazenagem de documentos contendo informações em sons, palavras e imagens -, é o que

permite ao centro de cálculo afirmar seu poder sobre a inexistência em seus domínios de pesquisa negativa com informações não localizadas e sobre a não ocorrência de falhas em seus registros que induzam a equívocos de recuperação.

## CONCLUSÃO

A exemplo de Latour, que propõe se acompanhem e se observem os cientistas ao longo do ciclo de produção do conhecimento, e de Frohmann, que se refere a um amálgama de relações sociais, ciência, tecnologia e discursos no âmbito das mídias e da informação, pode-se afirmar que a lógica de rede, que caracteriza hoje o trabalho do profissional de um Cedoc de TV, reposiciona a mídia televisão que, longe de ser o último dos lugares onde se pudesse encontrar a informação e o conhecimento, se faz ambiente vivo, onde se vêem entrelaçados, de modo singular, entre outros saberes e disciplinas, a biblioteconomia, o jornalismo, a história, a sociologia, a arte, a economia, a informática. No campo das práticas informacionais, ressalta a capacidade desenvolvida no ambiente dos Cedocs de TV de criar soluções imaginativas e de inventar modos de atuação coletivos que levam à mudança de pontos de partida profissionais cristalizados para sua efetiva operação na obtenção de resultados práticos.

Na gênese de todas as regularidades – quais sejam, a seleção, a análise, a descrição, a indexação, a pesquisa e a recuperação -, se encontram no setor de documentação de TV, enquanto centro de cálculo, a heterogeneidade - jornalistas, bibliotecários, editores de imagem, sistema de recuperação, historiadores, equipamentos de edição de imagens e sons, computadores, cabos, discos óticos, executivos, técnicos de manutenção-; a mescla ou mestiçagem de saberes - a recuperação pelo vocabulário controlado ou pela linguagem livre, como resultado da ação da biblioteconomia, da informática, do jornalismo -; o compartilhamento de conhecimentos técnico-profissionais – como se verifica na indexação, na descrição, na manipulação de equipamentos de vídeo e de informática e em suas objetivações por bibliotecários, editores de imagem e jornalistas -; o conhecimento local - criado na trama da rede, em meio a consensos e dissensos, junções e disjunções, a partir de trocas entre indivíduos e grupos diferenciados e entre o Cedoc e os setores de Jornalismo, Informática, Cenografia, Figurino, Arte, Dramaturgia.

Numa época em que o esplendor da ciência pode ser questionado, na acepção de Barthes (1980), por seus modos grosseiros de produção de verdades e evidências científicas, a vida das práticas informacionais no ambiente impuro da televisão pode vir a se revelar um empreendimento a levar-se em consideração na perspectiva de que cada empresa que lida com informação, como no caso da empresa jornalística, possa ser entendida como uma espécie de memória coletiva de uma cidade, de um país ou do mundo (Machado: 2005). Na esfera de sua experiência coletiva, o setor de documentação da emissora de TV se defronta, na qualidade de centro de cálculo, com o apelo da notícia que se projeta à condição de documento da memória. Ao centro de documentação de TV lhe cabe o repto da transformação de um conceito em instituição.

## REFERÊNCIAS

- ALSINA, Miguel Rodrigo. *La construcción de la noticia*. 2 ed. Barcelona: Paidós, 1993. 208 p.
- AMORIM JÚNIOR, Clóvis G. *Os jornais virtuais que nos habitam: as histórias de construção do JB ONLINE*. 2000. 224f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico /Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia CNPq – Escola de Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais, Rio de Janeiro, 2000.
- BARTHES, Roland; PERRONE-MOYSÉS, Leyla (Trad.). *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1980. 89 p.
- AQUINO, Mirian de Albuquerque (Org.). *O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa: Universitária, 2002. 264p.
- FIUZA, Silvia Regina de Almeida. *Memory and Conservation: The Experience of Globo Network Television*. Disponível em <<http://www.ifla.org/IV/ifla70/prog04.htm>>. Acesso em: 10/06/2005.
- FROHMANN, B. *Taking information policy beyond information science: applying the actor network theory (1995)*. Disponível em: <<http://www.fims.uwo.ca/people/faculty/Frohmann.html>>. Acesso em: 18/06/2004.
- GÓMEZ, Maria Nélide González de. *Novos cenários políticos para a informação*. *Ciência da informação*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 27-40, jan./abr. 2002.

GONÇALVES, Antonio Cláudio Brasil. Os Arquivistas Estão Chegando (2005). Disponível em: < [www.comunique-se.com.br](http://www.comunique-se.com.br)>. Acesso em: 5/12/2005.

GONZÁLEZ, José A. Moreira; ARILLO, Jesús.Robledano; BUFREM, Leilah Santiago (Trad.). *O conteúdo da imagem*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2003. 134 p.

LATOURETTE, Bruno. *La science en action: introduction a la sociologie des sciences*. Paris: Gallimard, c1995. 663p. (Collection Folio/Essais; 267)

\_\_\_\_\_. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: BARATIN, Marc ; JACOB, Christian (org.); MORTARA, Marcela (Trad.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000. p.21-44

MACHADO, Elias. O jornal digital como epicentro das redes de circulação de notícias. Disponível em:< [www.intercom.org.br/papers/xxiv-ci/np02/NP2MACHADO.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/xxiv-ci/np02/NP2MACHADO.pdf)> Acesso em: 10 jun. 2005.

ODDONE, Nanci, E. *et al.* Centros de Cálculo: a mobilização do mundo. *Informare*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 29-43, jan./jun. 2000.

PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. A Ciência da Informação e a Nova Filosofia da Ciência. In: *Informare*, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p. 5-11, jan./jun. 2000.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. Florianópolis: Ed. Insular, 2005. 224 p.

TUCHMAN, Gaye. Qualitative methods in the study of news. In: JENSEN, Klaus B.; JANKOWSKI, Nicholas W. (Ed.). *A handbook of qualitative methodologies for mass communication research*. London: Routledge, 1999. p.79-92.

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho foi realizado com a acolhida que recebeu da Rede Globo (Belo Horizonte e Rio de Janeiro) e da Rede Minas de Televisão (Belo Horizonte). O autor agradece às empresas e aos profissionais, relacionados a seguir, que foram os informantes e interlocutores da pesquisa. Agradecer, neste caso, é uma forma de dedicar a eles o que possa haver de informação e de saber na feitura deste artigo: Silvia Fiúza, Edna Palatnik, Maria Alice Fontes, Nisiclér M. Figueira, Maria de Lourdes P. Gomes, Antônio Achilis, Luciana D. Barbosa, Rita Marques, Lourença M. Procópio, Fernanda Castro, Myria M. Figueiredo Lima, José Júlio Sobrinho, Graziela S. França, Ricardo Aguilar, Ana Paula M. de Melo, Cecília Castro, Regina Kochi, Letícia Marinho, Paulo Valladares, Grace M. Silvia de Oliveira, Ana Paula Goulart, Marcos Silva, Vera Albuquerque, Francisco P. Neves Vieira, Ana Paula M. Graça Couto, Maria Fernanda P. Cardoso, Laura M. Martins, Maria Pia Barros, Lílian G. de Faria, Heloísa Leôncio, Eliane P. Araújo, Cristina Vignoli, Andréa Wanderley, Viviane Tanner, Cláudia Siúves. E, pela interlocução e pela transcrição das entrevistas, a Carla R. Luz de Souza.